

SAÚDE MENTAL E O TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR: UM ESTUDO DOCUMENTAL A PARTIR DE PUBLICAÇÕES *STRICTO SENSU*

Me. Nandra Martins Soares  0000-0002-0224-9083

Dra. Elisabeth Rossetto  0000-0002-4581-2446

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

RESUMO: Observa-se que o trabalho docente vem sendo fortemente influenciado e impactado pelas políticas neoliberais, distanciando-se do seu sentido original de agente de valores em prol das necessidades humanas e sociais, para se converter em produtor de mercadorias. Assim, o objetivo deste estudo foi compreender a relação do trabalho docente e a saúde mental no âmbito do ensino superior. Para isso, realizou-se uma pesquisa documental na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) publicadas entre os anos de 2017 e 2021, selecionando-se 09 estudos para a análise. Os resultados demonstraram que o trabalho na forma intensificada e precarizada que se apresenta, influencia na saúde mental docente. Aspectos referentes à sobrecarga, falta de autonomia e valorização da profissão, produtivismo acadêmico, terceirização da educação, individualismo e produtividade destacaram-se como elementos disparadores de adoecimento psíquico. E queixas como ansiedade, estresse, desmotivação, insônia foram proeminentes nos estudos analisados. Diante dos índices elevados de sofrimento/adoecimento psíquico dos docentes, é necessário que o Estado discuta e implemente políticas internas permanentes voltadas a promoção e prevenção em saúde mental do docente, e que órgãos acadêmicos regulamentadores revejam os requisitos de avaliação, visto que a produtividade obteve destaque entre os aspectos nomeados.

PALAVRAS-CHAVE: Professor; Trabalho; Adoecimento psíquico.

MENTAL HEALTH AND TEACHING WORK IN HIGHER EDUCATION: A DOCUMENTARY STUDY BASED ON *STRICTO SENSU* PUBLICATIONS

ABSTRACT: It is observed that teaching work has been strongly influenced and impacted by neoliberal policies, distancing itself from its original role as a promoter of values in favor of human and social needs, and instead, it has turned into a producer of commodities. Therefore, the objective of this study was to understand the relationship between teaching work and mental health in the context of higher education. To achieve this, a documentary research was conducted in the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) covering publications from 2017 to 2021, selecting 09 studies for analysis. The results demonstrated that the intensified and precarious form of work that is prevalent influences the mental health of teachers. Aspects related to workload, lack of autonomy, professional recognition, academic productivity, education outsourcing, individualism, and productivity emerged as triggers of psychological distress. Complaints such as anxiety, stress, demotivation, and insomnia were prominent in the analyzed studies. Given the high rates of psychological suffering/illness among teachers, it is necessary for the government to discuss and implement ongoing internal policies aimed at promoting and preventing mental health issues among teachers, and for academic regulatory bodies to reconsider evaluation requirements, as productivity stood out among the mentioned aspects.

KEYWORDS: Teacher, Work, Psychic illness.

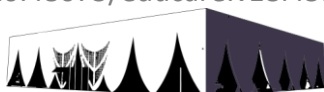


1 INTRODUÇÃO

O estudo da saúde mental no contexto universitário, especificamente relacionado ao trabalho docente, não é algo novo, é recorrente ao longo dos últimos anos. No entanto, com base nas pesquisas e estudos realizados, é possível perceber que as questões relacionadas a esse cenário permanecem latentes e emergentes, com demandas cada vez mais contemporâneas. A partir da modernidade, o trabalho perde seu sentido original, de produtor de valores e fomentador das necessidades humanas e sociais, para se converter em produtor de mercadorias, atividade abstrata, e estranhada (Antunes, 2011).

E esse formato de trabalho se exacerba ainda mais no ensino superior em virtude da intensificação das cargas horárias dos docentes, da pressão e competição por produtividade, além da precarização das condições e organização do trabalho, da desfazagem salarial e perdas de direitos já adquiridos com aporte no capitalismo globalizado. A elevação das exigências de produção acadêmica, pautadas nos índices de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo critério de produtividade é calcado especialmente no número de publicações, reforça a lógica individualista e produtivista (Spink; Alves, 2011).

Nessa conjuntura, a saúde do docente tem sido impactada, pois, apesar do trabalho ser propulsor de identidade e meio de sociabilidade, em condições inadequadas e de exploração, implica no adoecimento. Diante disso, depara-se com a necessidade de enfrentamento dessa situação que se intensifica cada vez mais nas relações de produção e de alienação, desapropriando o ser humano de sua força de trabalho e de si mesmo, pelo modo que a vida se organiza na sociedade. Portanto, o objetivo deste estudo foi investigar a relação do trabalho docente e a saúde mental no âmbito do ensino superior, e com isso possibilitar medidas de prevenção e promoção para o adoecimento psíquico.



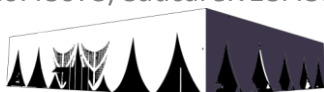
O percurso metodológico foi a partir de uma pesquisa documental, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), sendo incluídos 09 estudos para análise final.

2 SAUDE MENTAL E TRABALHO DOCENTE

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001), saúde mental é um estado de bem-estar no qual o indivíduo é capaz de usar suas próprias habilidades, recuperar-se do estresse rotineiro, ser produtivo e contribuir com a sua comunidade. A saúde mental implica em muito mais que a ausência de doenças mentais, e não pode ser reduzida ao estudo e tratamento de doenças.

Convive-se, atualmente, com uma multiplicação de transtornos psiquiátricos, o que consente dar um nome, uma identidade social para múltiplos problemas psicológicos e comportamentais. No entanto, tal concepção pauta-se em uma lógica biologizante e desconsidera o cenário político, econômico, social e a historicidade, acarretando em uma visão reducionista do sujeito. Nesse viés não é possível um dualismo entre corpo e mente, pois para o ser humano desenvolver-se com bem estar e qualidade de vida é necessário protagonizar vivências saudáveis, ancoradas na organização social de seu pertencimento. De acordo com Vigotski (2001) é nas relações sociais, mediadas pelo papel do outro e desenvolvidas no coletivo que as funções psicológicas se transformam.

E ao pensar a saúde mental atrelada ao contexto de trabalho, Marx (2013), aponta que o homem e a natureza estabelecem uma relação de um agindo sobre o outro, ou seja, o homem age na natureza modificando-a, e do mesmo modo, ele é modificado. O trabalho é um elemento que faz parte da vida do sujeito e que se apresenta tão antigo quanto ele; apontado inclusive como a atividade que possibilitou o próprio processo de hominização, ou seja, de transformação das formas pré-humanas em humanas (Engels, 2004). Visto como o aspecto que possibilitou tal salto ontológico, o trabalho constitui-se como palco da práxis



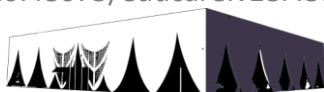
social (Antunes, 2011), o que evidencia seu caráter de centralidade e seu papel de organizador da vida social.

Logo, as relações de trabalho, por sua vez, constituem a real socialização, e o produtivismo como processo de acumulação representa o capitalismo em seus tentáculos de opressão e alienação social. Nesse segmento, as relações sociais são instituídas a partir das condições materiais (condição financeira), comercializando a ideia de que as mudanças só virão por meio da produção. E neste movimento de exigências e de opressão, relacionando o homem iminentemente ao produto, o sofrimento desencadeia sequelas de alto nível de severidade, inicialmente com sentimentos de angústia, impotência e insegurança (Netto, 2020).

Destarte, é importante ressaltar que os ideais que fundamentam o sistema capitalista e neoliberal, nos quais a sociedade está inserida, colocam a busca pelo lucro e pela maximização do valor econômico acima da qualidade de vida da população, priorizando a acumulação de riquezas em detrimento do bem-estar e da dignidade dos trabalhadores. Pois há que número significativo de indivíduos exposto diariamente em condições de trabalho degradantes e desumanas, com o objetivo de garantir sua subsistência básica

A vista disso, o trabalho docente é interposto pela lógica capitalista, onde as políticas neoliberais por meio da intervenção mínima do Estado, visam a crescente produtividade, lucratividade e competitividade, aliada a precarização e ao individualismo, tornando-se mecanismos de adoecimento psíquico. Segundo a OMS (2001), as situações de competição são as principais causas de estresse associado ao trabalho. Na medida em que o trabalho é percebido como uma mercadoria, a força de trabalho torna-se cada vez mais desgastante. Avista-se uma alienação desta atividade, a qual repercute diretamente na desintegração do psiquismo, por meio da desumanização e da perda de sentido em relação a sua realidade.

A intenção neoliberalista é promover nas pessoas expectativas muitas vezes inatingíveis, como a busca incessante pela plena felicidade e satisfação, corpo perfeito, etc., configuram o mercado como um palco de realizações de valores,



descoladas das condições objetivas socioeconômicas, o que ocasiona sofrimento e torna o sentido da atividade humana desvalorizada e estranhada, uma vez que, trabalha-se cada vez mais na busca da utopia capitalista, e os afetos são reduzidos a motivações para o consumo (Franco, 2020).

Com o advento do capitalismo, a sociedade do século XXI tem testemunhado uma intensificação do processo de privatização e individualização, resultando na desvinculação dos elementos sólidos e tradicionais que costumavam ser atribuídos como papel do Estado. Esse cenário tem levado a uma clara separação entre a construção individual da vida, a “política-vida” e a construção da política da sociedade como um todo (Bauman, 2001).

Nesse sentido, o autor ainda ressalta que há uma erosão das identidades sociais, do desgaste ideológico e político, o que causa a dissolução dos vínculos sociais. Assim, o sistema impulsiona para o próprio sujeito a responsabilidade de encontrar soluções particulares para problemas socialmente produzidos pelo cenário capitalista e neoliberal vigente. E como resultado disto, há a individualização do adoecimento e a transformação das pessoas em objetos.

No atual contexto de economia e política neoliberal, a Educação Superior, assim como todo o sistema educacional, possui uma das suas missões voltada para a preparação de profissionais que atendam às demandas do mercado. Essa função se soma à sua tradicional responsabilidade de promover a produção de conhecimento, conduzir pesquisas de vanguarda e cumprir objetivos sociais por meio de atividades de extensão.

Tais fatos podem estar presente na formação da personalidade do professor, que nem sempre toma consciência dos motivos que estão levando-o a se relacionar com a realidade externa, e essa ruptura entre sentido e significado pode contribuir para o processo de adoecimento psíquico (Facci, *et al.*, 2017).



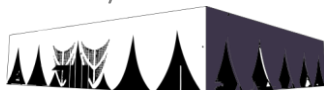
3 METODOLOGIA

Com base na problematização anunciada, a pergunta que buscou-se responder foi: Qual a influência das condições de trabalho na saúde mental do docente universitário? Desse modo, realizou-se uma pesquisa documental, a partir de teses e dissertações publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Empregou-se unicamente essa plataforma como recurso de busca, por abarcar estudos em âmbito nacional, indexada em várias bibliotecas universitárias. Optou-se por esse tipo de material, devido a extensão e profundidade dos trabalhos *stricto sensu*, contemplando o tema de modo mais amplo e com riqueza de detalhes. Além disso, esse trabalho é um recorte de estudo maior, onde pesquisou-se outras fontes de dados, como artigos e livros (Soares; Rossetto, 2023), que demonstraram resultados semelhantes aos retratados neste texto.

A seleção dos estudos compreendeu o período dos últimos cinco anos (2017 a 2021), visto que foi desenvolvido entre os meses de janeiro a fevereiro de 2022. Foi delimitada essa faixa temporal, para alcançar referências mais atualizadas sobre o tema. Utilizou-se na busca dos materiais, os seguintes descritores: “saúde mental”; “ensino superior”; “trabalho docente”; “professor”, “adoecimento psíquico”, combinados entre si pelo operador booleano *AND*, abrangendo pesquisas das áreas de Educação e Psicologia, no idioma português.

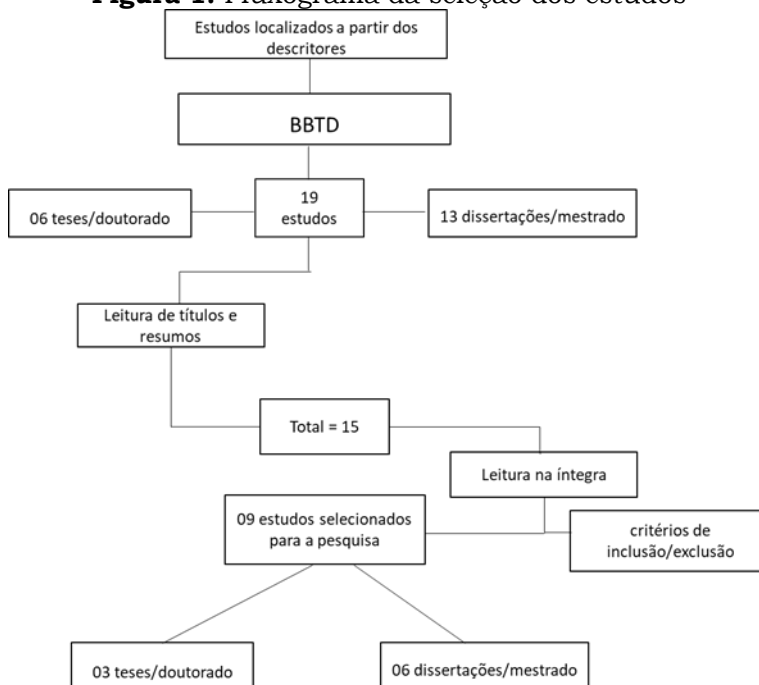
Com a combinação dos descritores, encontrou-se 19 publicações, nas quais operou-se à leitura do título, dos resumos e das palavras chaves, selecionando-se 15 publicações para a leitura na íntegra. Os 4 estudos excluídos não correspondiam ao objetivo proposto.

Após a exploração integral do material, identificou-se que 3 dissertações tratavam de docentes do ensino básico e 3 teses tratavam especificadamente da qualidade de vida, abordando poucos aspectos relacionados ao trabalho docente.



Deste modo, restaram 09 estudos para a análise final, conforme descrito na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma da seleção dos estudos



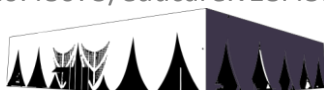
Fonte: Autoras (2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

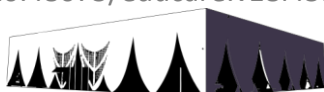
No que tange às dissertações e teses selecionadas, o Quadro 1 apresenta a caracterização quanto ao autor(a)/orientador(a), Universidade, tipo/ano, objetivo e método de cada estudo.

Quadro 1: Caracterização das Dissertações e Teses

Autor(a)/Título/Orientador(a)	Tipo/Universidade/Ano	Objetivo	Método
NETTO, A. M. L. Adoecimento dos docentes de pós-graduação stricto sensu - um estudo de caso: as influências da mercantilização do ensino superior neste adoecer. <i>Orientadora: Dra. Maria Esperança Fernandes Carneiro</i>	Tese de Doutorado Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Programa De Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> Em Educação Doutorado Em Educação Ano: 2020	Conhecer, interpretar e analisar a relação entre o adoecimento dos docentes de pós-graduação <i>Stricto Sensu</i> de uma IES, do estado de Goiás	Estudo bibliográfico, estudo de caso e Pesquisa documental



<p>MOURA, A. A. V. Desdobramentos da crise estrutural do capital no trabalho docente: a intensificação e o adoecimento.</p> <p><i>Orientadora: Dra. Cleide Maria Quevedo Quixadá Viana</i></p>	<p>Tese de Doutorado</p> <p>Universidade de Brasília – UNB</p> <p>Programa de pós-graduação em educação</p> <p>Ano: 2018</p>	<p>Analisar as implicações das exigências institucionais em relação à intensificação do trabalho docente nos programas de pós-graduação.</p>	<p>Pesquisa bibliográfica, documental, e pesquisa de campo</p>
<p>QUEIROZ, V. B. Possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário.</p> <p><i>Orientadora: Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Universidade Federal de Mato Grosso do Sul</p> <p>Programa de Pós-graduação em educação</p> <p>Ano: 2021</p>	<p>Investigar as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário</p>	<p>Pesquisa documental e de campo</p>
<p>OLIVEIRA, G. B. Estratégias e mecanismos de defesa no trabalho de docentes do ensino superior brasileiro na perspectiva da psicodinâmica do trabalho.</p> <p><i>Orientadora: Dra. Lúcia Rotenberg</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Programa de Pós-graduação em Saúde Pública, da Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz</p> <p>Ano: 2021</p>	<p>Analisar a produção científica sobre as estratégias e mecanismos de defesa utilizados por docentes do ensino superior no Brasil, na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho</p>	<p>Pesquisa bibliográfica</p>
<p>ANTUNES, J. C. O sofrimento mental contemporâneo na universidade: a perspectiva docente</p> <p><i>Orientadora: Maria Stella Brandão Goulart</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Universidade Federal de Minas Gerais</p> <p>Programa de pós-graduação em psicologia</p> <p>Ano: 2019</p>	<p>Qualificar a experiência de sofrimento mental dos professores universitários, a partir da discussão sobre a universidade contemporânea</p>	<p>Pesquisa de campo</p>
<p>MACEDO, A. F. R. Processo saúde-doença do docente de universidade pública: inquietações sobre o sofrimento psíquico na UFU</p> <p><i>Orientadora: Profa. Dra. Lucianne Sant'Anna de Menezes</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Universidade Federal de Uberlândia</p> <p>Programa de pós-graduação saúde ambiental e saúde do Trabalhador</p> <p>Ano: 2017</p>	<p>Investigar as condições de trabalho e aspectos do processo de trabalho que podem gerar sofrimento no docente</p>	<p>Pesquisa bibliográfica</p>



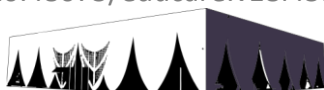
<p>ANDRADE, L. A. S. Saúde do trabalhador docente no ensino superior privado sob a perspectiva da Psicologia Social</p> <p><i>Orientador: Prof. Dr. Odair Furtado</i></p>	<p>Tese de Doutorado</p> <p>Pontificia Universidade Católica De São Paulo</p> <p>Ano: 2018</p>	<p>Analisar a precarização do trabalho dos professores, entendendo sua relevância social.</p>	<p>Pesquisa de campo</p>
<p>AZEVEDO, C. A. Trabalho intensificado e os transtornos mentais comuns em docentes de uma universidade pública na Bahia</p> <p><i>Orientadora: Dr.^a Tânia Maria de Araújo</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Universidade Estadual De Feira De Santana-UEFS</p> <p>Programa De Pós-Graduação Em Saúde Coletiva</p> <p>Ano: 2017</p>	<p>Analisar a relação entre trabalho intensificado e TMC em docentes de uma universidade pública na Bahia.</p>	<p>Pesquisa de campo</p>
<p>CARMO, G. B. Transtorno mental comum e predição para transtorno de ansiedade em docentes de uma universidade pública</p> <p><i>Orientadora: Dr.^a. Deise Moura de Oliveira</i></p>	<p>Dissertação de Mestrado</p> <p>Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde</p> <p>Ano: 2019</p>	<p>Identificar a prevalência transtorno mental comum (TMC) e predição para transtorno de ansiedade em docentes</p>	<p>Pesquisa de campo</p>

Fonte: Autoras (2022).

Entre os 09 trabalhos selecionados na BBTD, 03 são teses de doutorado e 06 são dissertações de mestrado. A grande maioria das pesquisas são estudos de campo e a minoria ficou restrita a pesquisas bibliográfica e documental. Quanto aos anos de publicação, 02 estudos são de 2017, 02 de 2018, 02 de 2019, 01 de 2020 e 02 estudos de 2021.

4.1 Relações entre trabalho e adoecimento psíquico em docentes do Ensino Superior

Netto (2020) com objetivo de conhecer a relação entre o adoecimento dos docentes de pós-graduação em uma IES privada do estado de Goiás, realizou uma pesquisa bibliográfica e documental e aplicou um questionário de opinião em 21 docentes. O autor pode constatar que a precarização da atividade docente representa o principal fator nos quadros de adoecimento no nível de pós-

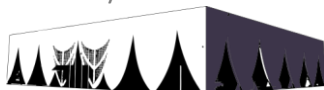


graduação *stricto sensu*. O que torna tal opressão aparente é o esgotamento físico e emocional vivenciado pelos docentes nas últimas décadas, que são responsáveis ou partícipes no desenvolvimento de adoecimentos mentais e corporais. Foi possível ainda identificar, que a IES deste estudo, detém um adoecimento silenciado, que vai do receio em responder a pesquisa (muitos docentes recusaram-se em participar), até muitos pedidos por parte dos docentes de total preservação da identidade. No tocante cabe destaque o uso dos termos “opressão”, “exigências” e “produtividade” como desencadeadores de sofrimento por parte desses professores, o que corrobora com os dados documentais, que apontam o alto índice de afastamento (Netto, 2020).

Vigotski (2001) aponta que o trabalho é a atividade vital humana, no entanto, no modelo capitalista há uma inversão no sistema produtivo, tornando o trabalhador alienado em suas capacidades humanas ao invés de ser o propulsor de tais aptidões. Esta forma de organização causa prejuízos à formação da personalidade, e age como fator desencadeante do adoecimento psíquico (Silva; Tuleski, 2015).

Corroborando com esse cenário, Moura (2018) com o intuito de analisar as implicações das exigências institucionais em relação à intensificação do trabalho docente nos programas de pós-graduação, realizou uma pesquisa de campo com 39 docentes da Unimontes (Universidade Estadual de Montes Claros) e posteriormente foi empreendida uma entrevista semiestruturada com 18 participantes, além de uma pesquisa documental.

Os resultados demonstram que houve intensificação nas jornadas de trabalho na docência, e estão cada vez mais acentuadas, resultando num acúmulo de atividades e comprometendo a qualidade da educação, a autonomia e as horas de socialização do docente. Entre as queixas estão: precariedade dos instrumentos de trabalho; dificuldade de acesso à gestão superior; falta salas e equipamentos, falta transporte para atividades de campo das disciplinas ministradas etc. Também há um grande descontentamento pela cobrança de números de

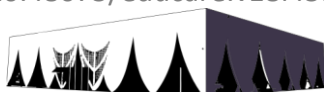


produções e não pela qualidade, visto que a exigência de publicações anuais impede uma minuciosa elaboração.

Isso contribui com o adensamento do adoecimento docente, pois as capacidades físicas, cognitivas e emocionais estão em sobrecarga. Entre os docentes pesquisados 64,1% foram acometidos por algum problema de saúde e 66,7% fazem uso frequente de medicamentos. As queixas de adoecimento estão relacionadas a ansiedade, irritabilidade, cansaço, depressão, desânimo, estresse, exaustão, síndrome do pânico, fadiga, transtorno de ansiedade generalizada, insônia, zumbido no ouvido etc.

Nesse segmento, é inerente considerar as políticas educacionais que fortemente influenciaram e construíram tal conjuntura, a reforma educacional da década de 90 foi significativamente moldada pelos acordos internacionais, os quais eram fortemente alinhados com os princípios do neoliberalismo. Essa abordagem enfatizava metas, a descentralização das entidades federativas e a responsabilização dos indivíduos como elementos centrais, segundo Jeffrey (2012). A implantação da terceirização no Ensino Superior passa pela revogação de leis que normatizam os vínculos dos servidores públicos e docentes com a instituição, subordinando o trabalho docente às formas de flexibilização do trabalho propostas pela economia neoliberal. Cabe acentuar que tais medidas visam a responder aos interesses do capital, tanto no processo de reforma do Estado quanto na afeição pela privatização da Universidade pública.

Em outro estudo investigou-se as possibilidades de enfrentamento ao adoecimento do professor universitário, a partir de atestados e licenças, questionário via web e entrevistas com 10 participantes (Queiroz, 2021). Houve crescimento no número de afastamentos e licenças dos professores por motivos de saúde, considerando o período de 2005 a 2019, sendo que o primeiro apresentou 2954 afastamentos e o último 9257. Quanto à motivação dos afastamentos, 45% são referentes a doenças mentais e comportamentais, e estão associadas a fatores de estresse, insatisfação e perda de sentido no trabalho, ansiedade, etc. Além disso, os professores destacaram o individualismo, próprio



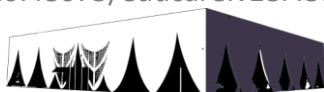
da sociedade capitalista, como contribuinte na desarticulação dos trabalhadores, o que dificulta as ações coletivas e de resistência ativa.

De acordo com Esteve (1999) o agrupamento de todos esses elementos chama-se "mal-estar docente", e surgem da sensação de desânimo, desamparo e incerteza em relação à profissão. Essa situação é agravada quando o Estado impõe aos professores a obrigação de serem assíduos, terem um desempenho elevado e serem produtivos. Esses requisitos estão alinhados com a ideologia neoliberal, na qual, diante da escassez de recursos, espera-se o máximo de desempenho dos docentes, atribuindo-lhes a responsabilidade pelo seu próprio sucesso ou fracasso, o que, por sua vez, afeta a subjetividade e leva à precarização do trabalho e ao adoecimento de milhares de professores.

Destarte a compreensão dos determinantes do adoecimento são históricos e socialmente produzidos, o que demonstra a necessidade de alteração da lógica capitalista, para um sistema que tenha como centro a emancipação e a realização das possibilidades do desenvolvimento humanizante, principalmente na educação.

A esse respeito, Antunes (2011, p. 144) ao tomar o trabalho como ponto inicial do processo de humanização do ser social, afirma que na sociedade capitalista, essa atividade é degradada e desvalorizada, pois o trabalho torna-se "estranhado". Assim o processo de trabalho que deveria se constituir na finalidade básica do ser social, é pervertido e empobrecido, e se converte em meio de subsistência.

Nesse viés, Oliveira (2021) analisou as estratégias e mecanismos de defesa utilizados por docentes do ensino superior no Brasil, a partir de uma pesquisa bibliográfica. Ficou evidente que os docentes estão alienados em relação ao trabalho, visto que o contexto laboral se apresenta extremamente adverso com efeito direto nas relações socioprofissionais, pois há degradação das relações entre os docentes, devido à competitividade e ao individualismo, o que provoca o isolamento e a solidão, prejudicando a subjetividade e comprometendo a saúde mental.

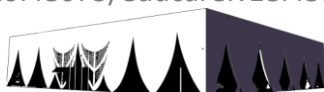


No estudo de Oliveira, as principais queixas encontradas foram: sobrecarga de trabalho, devido às exigências de publicação, a falta de reconhecimento por parte da gestão e entre os pares, e dificuldades com os alunos (em especial nas IES privadas). E entre as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos docentes está a negação, o isolamento, dar ênfase apenas aos aspectos favoráveis do trabalho, não admitir o sofrimento e/ou não compartilhar as queixas em relação à instituição, naturalizar o sofrimento, realizar atividades acadêmicas no tempo livre e finais de semana para dar conta das tarefas, além do uso de recursos próprios para compra de materiais que deveriam ser fornecidos pela instituição (Oliveira, 2021).

Assim, é possível compreender que o ser social que daí emerge está indelevelmente marcado pela forma como o trabalho é efetivado, cada vez mais alienado, des-consciente e des-informado a respeito das implicações do trabalho sobre seu próprio ser, sobre sua própria consciência. Em decorrência desse estado de coisas, a organização produtiva capitalista se consolida, se amplia e se aprofunda, fazendo da anomalia o normal (Cantarelli; Facci; Campos, 2017).

Do mesmo modo, Antunes (2019) com o objetivo de qualificar a experiência de sofrimento mental dos professores universitários, desenvolveu uma pesquisa exploratória, a partir de entrevistas semiestruturadas e observação participante em Rodas de Conversa sobre saúde mental e qualidade de vida com 7 professores. E os resultados vão ao encontro dos achados do estudo de Oliveira (2021) ao tencionar que as questões ligadas ao sofrimento mental estão relacionadas ao produtivismo acadêmico; às relações de poder/hierarquia que se configuram como assédio moral, seja entre pares ou entre Instituição/professor; e a ideia de meritocracia, como uma relação direta entre desempenho individual e sucesso. Também ficou explícito situações de sofrimento em relação ao isolamento; a exigência por uma autonomia diante da estigmatização da vulnerabilidade; e o aprofundamento da competitividade em uma universidade mercantilizada.

Entre as estratégias utilizadas pelos professores para evitar/amenizar o sofrimento mental, destaca-se: isolamento, descredenciamento da pós-graduação,

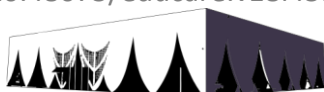


tentativa de mobilidade interna; proposta de criação de disciplinas coletivas e, também, da produção científica coletiva, ou seja, a possibilidade de uma avaliação mais focada no grupo do que no individual. No entanto, as alternativas encontradas são em sua maioria, iniciativas individuais que não operam para a construção coletiva de soluções.

Esses aspectos contribuem para distorcer o potencial humano, submetendo os indivíduos às desigualdades resultantes do sistema social, econômico e político. Essa realidade degrada as oportunidades de desenvolvimento psicológico pleno e, na maioria das vezes, impede que as pessoas tenham consciência e controle sobre seu próprio comportamento. A perda de controle em relação às ações e à capacidade de regular o comportamento social, leva o ser humano a compreensão limitada da conexão entre fatores externos e processos internos. Essa dissociação, influenciada pelas diferenças socioculturais, remete-nos à teoria da alienação proposta por Marx (2013) onde as necessidades inerentes ao capitalismo, especialmente aquelas relacionadas ao dinheiro e ao poder, desumanizam o ser humano ao criar situações que privam a satisfação de suas necessidades.

Em outra pesquisa conduzida por Macedo (2017) investigou-se as condições de trabalho e aspectos do processo que podem gerar sofrimento no docente da Universidade Federal de Uberlândia. A partir de uma pesquisa bibliográfica narrativa, no período de 2005 a 2016. Nos resultados os aspectos destacados como geradores de sofrimento, foram os conflitos nas relações de trabalho em razão de hierarquia e competição; impotência ante a organização do processo de trabalho, a burocracia e a morosidade dos processos e a diversidade de funções. Além disso, a cobrança por produção constante de publicação em periódicos acadêmicos; falta reconhecimento do trabalho; a remuneração baixa; e novas atribuições se acrescem ao trabalho docente na atualidade.

Foi possível entender que a docência é uma das profissões mais estressantes do mundo do trabalho e que, como tal, tende a desencadear patologias. A depressão aparece nos estudos de todos os autores, assim como a perda do



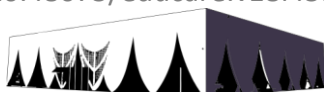
sentido no trabalho, as vivências de fracasso, a desvalorização profissional e a falta de reconhecimento (Macedo, 2017).

No viés da Psicologia Social, Andrade (2018) analisou a precarização do trabalho docente e a relação com o Estado, a sociedade, a ideologia capitalista, a partir de um questionário online com 173 professores de todo o país de universidades privadas.

De modo geral os resultados mostraram que condições de trabalho que envolvem tanto uma perspectiva psicológica quanto física; pelo uso compulsório da tecnologia enquanto ferramenta de trabalho, e pela dificuldade/ausência de planejamento para execução, proporcionam uma cobrança extenuante ao profissional que, na maioria das vezes, não recebe treinamento, e nem dispõe dos recursos materiais em seu ambiente de trabalho. Os docentes também relataram o pouco tempo para o planejamento, o excesso de horas extras, controle e pressão no trabalho, centralização do poder decisório pela alta direção da IES e baixa ou nenhuma autonomia do docente. Quando questionados acerca das condições atuais de trabalho, os docentes apontam a falta de valorização e reconhecimento, a baixa remuneração, a falta de plano de carreira, o grande número de alunos por turma, as reclamações de alunos e coordenação.

A relação professor-aluno assume na atualidade um caráter de prestação de serviço e não de parceria no processo ensino-aprendizagem, fato que inverte toda a lógica do processo de educação como concebida em sua essência. Isto fica claro nas falas dos docentes, “falta de incentivo”, “insegurança, agressões físicas, ameaças”, “há uma espécie de solidão pedagógica e uma judicialização das relações”. Ademais, todos relataram fazer uso de medicamento, como analgésicos para dor, anti-inflamatórios e medicação para insônia, como também o uso de drogas ilícitas.

Os docentes se sentem coagidos pela forma de organização do sistema universitário, e dizem não fazer greves devido ao medo de demissão. Essa lógica da sociedade capitalista que caracteriza-se pela flexibilidade, pelo trabalho desregulamentado e informal, intensificação de formas de extração de trabalho,



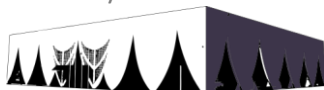
formas coercitivas de controle e avaliação, e imprevisibilidade (Silva; Tuleski, 2015) são elementos neoliberais que alicerçam a educação brasileira e geram desgaste físico, psíquico e social.

Azevedo (2017) também demonstra tais elementos em seu estudo com 423 docentes, a partir da análise entre trabalho intensificado e transtornos mentais. Dois fatores se destacaram nesta relação: Fator I - Exigências, demandas e pressões e Fator II- Acúmulo de atividades, nomeados como aspectos que contribuem para a intensificação do trabalho docente e possui impacto direto nas condições de saúde. A partir desses indicadores verificou-se sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, dificuldade de concentração e queixas somáticas relacionadas a ansiedade e depressão.

Carmo (2019) seguiu na mesma direção ao buscar identificar a prevalência de transtorno mental comum (TMC) e predição para transtornos de ansiedade, associadas à variáveis sociodemográficas e ocupacionais em 180 docentes, de uma universidade pública de Minas Gerais.

A prevalência de TMC foi de 35,6%, “sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)” (68,3%), “dorme mal” (49,4%), “se cansa com facilidade” (46,7%) e “encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias” (41,1%). A prevalência de predição para transtorno de ansiedade foi de 37,2%, em docentes com 60 anos ou mais, da área de conhecimento de ciências humanas, com sintomas referentes a “nervosismo”, “incapacidade de relaxar”, “sensação de calor”, “indigestão e desconforto no abdômen” (Carmo, 2019).

Com base nos estudos apresentados, de modo geral mostram que as condições, a organização do trabalho, e os mecanismos de precarização do contexto laboral são fatores que contribuem para o processo de adoecimento, visto que as relações de trabalho permeiam a atividade docente, e a finalidade social do ambiente escolar, transmissão dos bens culturais produzidos pela humanidade, conforme aponta Saviani (2003); nem sempre vem sendo efetivada pelos professores.



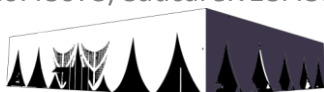
Tal situação desenrola-se por questões neoliberais, visto que o neoliberalismo constrói a cultura e a sociedade, influenciando a forma como as pessoas se relacionam com o consumo, o trabalho e na constituição de suas personalidades. Diante dessas circunstâncias, torna-se evidente que as oportunidades para o desenvolvimento pleno do psiquismo humano estão sendo obstruídas, e a medicalização e a patologização surgem em respostas as condições adversas, em que os problemas sociais são interpretados como problemas individuais de saúde mental.

Basso (1994) postula que a atividade pedagógica será alienada quando o sentido pessoal não corresponder ao significado social desta atividade: se a finalidade for meramente relacionada à sobrevivência (ex: salário) haverá cisão com o significado. Para Leontiev (1978) o sentido está relacionado ao motivo que corresponde à atividade e está vinculado com o fim.

Entretanto, há conjecturas oriundas da pós modernidade (neoliberais) que estabelecem contradições entre o trabalho e a significação social da atividade pedagógica, pautadas em políticas que visam a quantidade e não a qualidade; a produção em massa com condições mínimas; o excesso e ampliação da jornada de trabalho; a falta de investimento em recursos e planos de carreira docente, além da desvalorização da classe. Toda essa precarização do trabalho se traduz na ausência de perspectivas de carreira, na convivência constante com a incerteza de poder se dedicar à pesquisa, e a pressão de cumprir as exigências para fortalecer seus currículos, tudo isso enquanto lidam com condições de trabalho deficientes (Schlesener; Lima, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mostram os estudos, os docentes universitários vêm construindo solitariamente o seu caminhar, muitas vezes, negligenciando e sendo negligenciados em suas fragilidades em prol de uma necessidade de ser autossuficientes e produtivos, e desse modo a atividade de trabalho esvazia-se de



sentido e significado, potencializando e culminando em sofrimento e adoecimento psíquico entre os docentes.

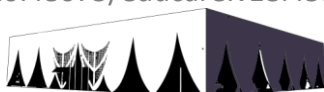
Além disso, foi possível tecer relações entre a saúde mental e a precarização do trabalho docente sob os lençóis capitalistas, com base nos diversos atravessamentos das políticas neoliberais, como a intensificação do trabalho, busca e cobrança por produtivismo, falta de recursos e investimentos na educação, contratos temporários, além da invisibilidade nos planos de carreira.

Na atual conjunção, posicionar-se contra a precarização do trabalho docente representa uma forma de luta em prol de uma Universidade Pública que mantenha sua posição como o principal local para a produção de conhecimento, não se limitando a atender às exigências do mercado, mas também a compartilhar esse conhecimento com a sociedade que, de forma indireta, a sustenta financeiramente.

Diante dos índices elevados de adoecimento psíquico dos docentes, é *mister* que as universidades, junto ao Estado ou a Federação, discutam e implementam políticas internas permanentes voltadas a promoção e prevenção em saúde mental para que os docentes tenham condições de realizar seu trabalho com qualidade, sentido e significado para si, contribuindo na formação de seres mais conscientes e com autonomia.

Ademais, é importante que órgãos regulamentadores como a CAPES e CNPQ revejam suas políticas de avaliação, visto que a produtividade foi apontada como um fator preponderante ao adoecimento psíquico. O índice de produtividade é um dos requisitos para o conceito de programas de pós-graduação e periódicos científicos, no entanto percebe-se uma grande contradição, pois para atender a esta demanda os docentes e discentes estão cada vez mais priorizando a quantidade em detrimento da qualidade.

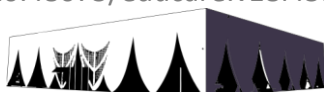
Considerando o caráter exploratório da presente investigação, aponta-se a necessidade de outros estudos que examinem também as diferenças entre características da docência superior, entre os professores da graduação e pós-graduação no ensino público e privado, bem como as demandas específicas dos



professores efetivos e temporários. Além disso, sugere-se aprofundar como os docentes lidam com o adoecimento psíquico, como o significam, e os recursos e estratégias utilizadas para manejar tal condição. E por fim, é necessário estudos de caso em universidades, para propor programas de atendimento à saúde do docente, bem como ações de reestruturação pedagógica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BASSO, I. **As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente**: um estudo a partir do ensino de História. 1994. Tese (Doutorado)-Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- CANTARELLI, A. G.; FACCI, M. G.; CAMPOS, H. R. Trabalho docente e personalidade: Alienação e adoecimento. *In*: FACCI, M. G.; URT, S. C. (ORG.). **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor**. Teresina: EDUFPI, 2017. p. 19-44.
- ENGELS, F. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. *In*: ANTUNES, R. (ORG.). **A Dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004. p. 11-28.
- ESTEVE, J. M. **Mal-estar docente**: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: Edusc, 1999.
- FACCI, M. G. *et al.* Uso de medicamentos ou medicalização dos professores? Uma discussão sobre as Relações de trabalho e adoecimento. *In*: FACCI, M. G.; URT, S. C. (ORG.). **Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor**. Teresina: EDUFPI, 2017. p. 101-112.
- FRANCO, F. *et al.* O sujeito e a ordem de mercado: gênese teórica do neoliberalismo. *In*: SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (ORG.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 47-75.



JEFFREY, D. C. A Constituição do gerencialismo na educação brasileira: implicações na valorização dos profissionais da educação. **Revista Exitus**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

NETTO, A. M. de L. **Adoecimento dos docentes de pós-graduação stricto sensu - um estudo de caso**: as influências da mercantilização do ensino superior neste adoecer. 2020. 184 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Coleção Educação Contemporânea. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHLESENER, A. H.; FERNANDES DE LIMA, M. Reflexões sobre a precarização do trabalho docente no Ensino Superior brasileiro. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1-17, 2020. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.15116.003. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15116>.

SILVA, M. A. S.; TULESKI, S. C. Patopsicologia Experimental: abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimento mental. **Estudos de Psicologia**, [S.l.], v. 20, n. 4, 2015, p. 207-216. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/7NDBHg3kD8ZnYmSRKQq8MNF/>.

SPINK, P. K.; ALVES, M. A. O Campo Turbulento da Produção Acadêmica e a Importância da Rebelia Competente. **Organizações & Sociedade**, [S. l.], v. 18, n. 57, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/11154>.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **The World health report 2001**. Mental Health: New Understanding, New Hope. 2001. WHO Library Cataloguing in Publication Data.

Recebido em: 07-03-2023

Aceito em: 17-11-2023

